

“Aparelho excretor não reproduz”!¹ Representações de mulheres sobre o sexo anal

Silvia Piedade de Moraes²

José Roberto da Silva Brêtas³

Resumo:

Este artigo integra uma pesquisa intitulada Representações Sociais de mulheres sobre sexo anal que destaca a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos da pesquisa, entre os sujeitos e o objeto estudado, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos, atendendo as convicções teóricas e conceituais. A Teoria das Representações Sociais possibilita conhecer o processo de elaboração das condutas e conhecimentos como fundamentais para detecção de dados e contribuição para mudanças a partir de elaboração reflexiva e vivencial dos sujeitos. **Objetivos:** conhecer como as Representações Sociais de mulheres sobre a prática do sexo anal; identificar juízos de valor atribuídos à prática do sexo anal; conhecer as subjetividades relativas às questões de gênero sobre o tema. **Método:** com abordagem qualitativa, a coleta de dados se deu por meio de questionários aplicados em 93 mulheres entre 18 a 63 anos. Os dados da pesquisa foram organizados dos quesitos praticar, não praticar e não praticar, mas ter fantasia e a justificativa para o quesito assinalado acompanhada de uma justificativa. **Conclusão:** A pesquisa demonstrou que a religião não é impedimento para maior parte das mulheres participantes. O cerne das representações nos três grupos de mulheres figurou em torno da palavra prazer. Sabe-se, portanto, que na prática é possível a obtenção do prazer, mas se difere quando para um esse prazer é pecaminoso e imoral e para o outro é uma conquista do par.

Palavras-chave: Sexo anal. Práticas sexuais. Mulher.

Abstract:

This article is part of a research entitled Social Representations of Women on Anal Sex that exhibit a relationship between the real world and the research subjects, between the subjects and the object studied, between the objective world and the subjectivity of the subjects, meeting as convictions. theoretical and conceptual. The Theory of Social Representations makes it possible to know the process of elaboration of procedures and basic knowledge for data detection and contribution to changes based on the elaboration of reflective and experiential subjects. **Objectives:** to know as Social Representations of women about the practice of anal sex; identify value judgments attributed to anal sex practice; know as subjectivities related to gender issues on the subject. **Method:** with a qualitative approach, data collection

¹ Frase dita pelo candidato à Presidência da República Levy Fidelix (PRTB-SP) durante um debate presidencial em 2014 na Rede Record.

² Doutora em Ciências: educação e Saúde pela UNIFESP. Docente no curso de Pedagogia da Universidade Guarulhos; Coordenadora de Programas educacionais da Secretaria de Educação de Guarulhos; Integrante do GECOPROS – Grupo de Estudos da Corporalidade e Promoção da Saúde. E-mail: <silviapmoraes@hotmail.com>

³ Doutor em Enfermagem pela UNIFESP; Líder do GECORPROS; Professor-adjunto da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: jrsbretas@gmail.com

was through questionnaires applied to 93 women between 18 and 63 years. The research data were organized from the practice, not practice and not practice, but having fantasy and justification for the indicated after justification. **Conclusion:** Research has shown that religion is not prevented by most participating women. The interest of representations in the three groups of women is around the word pleasure. Therefore, it is known that practice is possible to cause pleasure, but it can be different when this pleasure is important and immoral and for another it is a conquest of the pair.

Keywords: Anal sex. Sexual practices. Woman.

Introdução

*“El culo solo produce mierda, que no es útil para el capital.”
Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2011, p. 110).*

A motivação para este estudo está relacionada às atividades de educação em sexualidade desenvolvidas com professores, adolescentes e jovens que frequentam escolas de ensino fundamental e médio parceiras de um Projeto de Extensão Universitária. Durante a realização das inúmeras atividades, muitas dúvidas, curiosidades, mitos e tabus circulavam pelos discursos dos participantes. Entre os diversos assuntos sobre sexualidade, a prática do sexo anal, apareceu de forma ímpar entre jovens e adolescentes de ambos os sexos.

Muitas vezes, suas curiosidades se confundiam com emaranhados de discursos já prontos, repletos de pudor e moralismos sobre o sexo anal. As formas de expressar o que se pensa sobre o tema demonstrou uma clara diferença sobre as questões de gênero, apontando uma necessidade de aprofundamento nesta questão.

Quando afirma-se que a sexualidade é construída historicamente opõe-se a uma concepção de “naturalidade”, afirma-se que a mesma foi concebida em determinado tempo, contexto, local e por um grupo específico de pessoas. Isso quer dizer também que as ideias que se têm são permeadas de outros conhecimentos (religiosos, científicos, políticos, culturais, etc.) e que por sua vez não estão isentos de valores.

Mesmo sabendo que todo conhecimento é temporal e próprio da construção humana, as múltiplas representações de um objeto (por exemplo, a sexualidade)

podem perdurar por séculos. A “memória” do discurso ultrapassa a barreira do tempo e do local, sobretudo quando se revestem de discursos científicos ou religiosos.

Em relação aos discursos, tudo o que uma pessoa sabe ela o aprendeu de uma representação coletiva, por meio de narrativas, da linguagem que é adquirida ou dos objetos que são empregados. Essa representação específica não é fruto de apenas de longos resultados acumulados da ciência e da filosofia, mas é produto histórico da mentalidade popular que está ligado a raízes submersas no modo de vida e nas práticas coletivas que precisam ser renovadas a cada instante.

Esta propriedade erógena do sexo anal liga-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo. Nesse sentido, existem zonas erógenas predestinadas, tais como a zona dos lábios e a zona anal estão aptas, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessas partes do corpo seja originariamente muito grande.

A ideia de zonas erógenas demonstra que essas regiões da pele meramente mostram uma intensificação especial de um tipo de estimulabilidade que, em certo grau, é próprio de toda a superfície cutânea. Portanto, não surpreende constatar que é possível atribuir efeitos erógenos muito claros a certos tipos de estimulação geral da pele.

Essa ideia de zonas erógenas se encaixa em uma nova ordem, em que se recai um papel importante na introdução da excitação sexual.

Nesse contexto, ressalta Foucault (1985) quando concebe que o tema sexualidade foi e é tratado pela ciência de uma forma polarizada em torno da dicotomia instinto/norma. Esta polarização é a exclusão do sujeito do campo da sexualidade. Por um lado, os comportamentos sexuais são analisados em uma perspectiva da psicobiologia, prisioneira da concepção de sexualidade natural e dos mecanismos filogenéticos que lhe dão forma: o sexo, tal como a fome ou a sede, que constitui uma necessidade biológica, uma função corporal geneticamente condicionada, um produto de um processo evolutivo determinável e determinante. Por outro lado, as perspectivas são estritamente antropológicas e/ou sociológicas, que enfocam as regularidades normativas, associadas às infraestruturas familiares e sociais, que ignoram o papel do sujeito na gestão que faz das suas experiências e de seu corpo e na significação que atribui aos seus comportamentos. Esta polarização atravessou a generalidade dos modelos científico-ideológicos que, ao

longo do século XX têm dominado o estudo da sexualidade.

Essa dicotomia instinto/norma é claramente detectável no ecletismo que parece caracterizar a sexologia contemporânea, que aproxima os planos biológico, psicológico e social da sexualidade. Neste contexto, a sexualidade é pensada como um sistema geral (sistema sexual), análogo aos sistemas circulatório ou respiratório, cujos subsistemas correspondem a níveis diferenciados do real e coincidem, grosso modo, com os objetos teóricos da biologia, da psicologia e da sociologia (BRÊTAS, 2011). Em que o sexo biológico corresponde aos aspectos genético, neuro-hormonal, morfológico e funcional. As temáticas da orientação do desejo afetivo-sexual e identidade sexual correspondem à dimensão especificamente psicológica. Os comportamentos determinados pelos papéis sexuais, as suas variações em função dos diversos sistemas de categorias sociais ou culturais e as relações de concordância ou de conflitualidade entre a realidade comportamental e a normativa constituem os objetos específicos da abordagem sociológica. Esta abordagem aparentemente neutra e englobante resultam em uma opção nítida pelo biológico. Da forma que o problema nos apresenta, provavelmente o mesmo não reside na origem das diferenças, mas na transferência do mesmo princípio explicativo do plano biológico para o social.

Dessa maneira, as reflexões e pesquisas em torno da sexualidade surgem no seio das diversas especialidades das ciências psicológicas, médicas, biológicas e sociológicas. Ciências estas que, pese ao rigor com que trabalham seus planejamentos biológicos, muitas vezes ignoram em seus fundamentos que a sexualidade humana adquire significação por meio dos símbolos e discursos sociais (BRÊTAS, 2011).

Assim, não é possível falarmos de sexualidade somente segundo seus aspectos biológicos, sem relacioná-la à cultura e ao seu momento histórico. É justamente por meio da cultura que as práticas sexuais, as experiências e os atos sexuais ganham forma e conteúdo na sociedade, pois ao articular e codificar as práticas sexuais, as culturas regulam a vida sexual (NIETO, 2003).

Este fato tem grande impacto sobre a maneira como os indivíduos se relacionam, compreendem a sexualidade individual e a expressam em suas diferentes formas e possibilidades. Abordar a sexualidade e as práticas sexuais segundo o prisma cultural significa expandir seu conceito e compreensão, já que o conceito cultural daquilo que é normal não é submetido ao imperativo da biologia.

Assim, podemos afirmar que a desfragmentação de um discurso secularmente arraigado, geralmente pode se dar de forma pouco impactante, mesmo que sua destituição já tenha ocorrido no âmbito da ciência. Isso porque com o passar do tempo este mesmo saber científico ganha contornos e diferentes significados no senso comum.

O senso comum, portanto, não se trata de um saber “errado” ou “incompleto”, mas de uma forma de discurso que ganhou significados de diferentes grupos no curso da história. Mostra a forma como as pessoas e grupos compreendem tal objeto e seus complexos conhecimentos. Geralmente o senso comum se mostra numa relação prática do cotidiano através de “usos” e “costumes”.

No que tange ao objeto deste estudo, a prática do sexo anal tem especificidades em sua representação que as demais práticas sexuais não apresentam. Historicamente ganhou conotações negativas por não ser uma prática de cunho procriativo. Mesmo assim, outras variações como o sexo oral carregam menos estigma que o sexo anal (FURLANI, 2007).

De acordo com pesquisa realizada por Marzano (2008) o coito anal é uma prática sexual muito comum para as mulheres. Inclui desejo, fantasia e excitação. No entanto, o orgasmo só ocorre para cerca de 50% delas.

Na história há muitas literaturas enfatizando o sexo anal como um ato hediondo (amoral, ruim, negativo e antinatural) e o sexo procriativo como o natural (MARZANO, 2008). Há determinações no século XI que definiram como “pecados contra a natureza” muitas formas de variações sexuais que viessem a “despejar” o sêmen em “local errado”, ou seja, a masturbação, o sexo oral, anal, o estupro, a prostituição e a bestialidade, transformando-as em práticas de aberração.

Os significados do sexo anal têm relação também com a representação que o ânus recebe. Colling (2012) enfatiza que embora o ânus seja usado como órgão sexual, ainda assim não é considerado como tal. A norma médica, mesmo o considerando como erógeno, ainda o atribui como parte do sistema digestório/excretor. No entanto, o pênis e a vagina mesmo compondo partes de outros sistemas são também considerados como órgãos sexuais.

Colling (2012) demonstra que outras partes do corpo são usadas como órgãos sexuais. Entre as lésbicas a mão e a língua são fundamentais. Os praticantes de *fisting-fucking* dispensam o pênis para introduzir punhos e mãos no ânus. Isso quer dizer que não nos relacionamos sexualmente somente com órgãos

sexuais ou partes de qualquer outro sistema, a relação sexual se faz com todo o corpo, com nossas emoções, com nossos pensamentos (PRECIADO, 2011, 2014).

O ânus carrega simbolismos relacionados à sujeira. Colling (2012) aponta que se a vulva, o pênis e a boca não forem limpos também podem ser considerados impuros. Além disso, o reto tem função “auto-limpante” após a excreção o que o torna um lugar limpo.

O discurso da limpeza/sujeira sobre o ânus é, portanto, também uma questão política. Uma forma de normatizar as sexualidades, orientações sexuais, desejos e práticas. Para Colling (2012) quase uma tendência de exigir que todos sejam heterossexuais reprodutores.

A conotação de ódio que o ânus carrega está ligada a violência sexual como crime de guerra usado contra os inimigos homens, uma forma de humilhação, assim como o estupro contra as mulheres. Sentimentos de desprezo, medo, fascinação e hipocrisia sobre o ânus são apontados por Colling (2012) como históricos, demonstrando que o discurso sobre o sexo anal se dá ora uma postura conservadora, ora progressista.

De acordo com Furlani (2007) nas sociedades ocidentais a valorização do sexo deteve-se para a procriação marginalizando-se outras práticas sexuais como as relações homossexuais e a prostituição. No entanto, isso não representa uma unanimidade. Há sociedades em que o sexo anal não só é permitido como incentivado. Trata-se de rituais de passagem da infância à idade adulta, da comunidade Keraki na Nova Guiné. Para eles, o coito anal faz com que os meninos cresçam mais ativos após terem recebido sêmen dos homens mais velhos.

Onde a prática do sexo anal é comum, o uso de objetos para penetrar o ânus faz parte da criatividade. Furlani (2007) cita que entre os eunucos do Império Otomano no Oriente, um objeto denominado “violino anal” tornou-se conhecido popularmente para a masturbação anal. Hoje, já há instrumentos equivalentes nos mercados de *sex shop*.

A relação simbólica do sexo anal como possessividade do outro é apresentada por Sáez e Carrascosa (2011, p. 33) numa alusão ao casamento:

Tiene gracia que el anillo se use como símbolo de la pareja casada. En realidad ano significa anillo, así que, sin saberlo, las parejas consagran su amor com el gesto de meter um dedo em el culo, um anillo em el dedo anular(o anal). O el gesto de meter um ano em el dedo. Ya sabemos que el

matrimonio, e incluso el amor, son rituales de posesión. Así, que este primer gesto nos recuerda el vínculo entre el culo y el poder.⁴

A sensação de prazer que o sexo anal pode oferecer para as pessoas é eminentemente pessoal, não se constituindo como uma essência humana. Deste modo, a capacidade de dar e receber prazer com tal prática passa obrigatoriamente pelas representações que se tem sobre ela (MARZANO, 2008).

É claro que os significados sociais, culturais, religiosos e médicos atribuídos a estas práticas têm forte influência sobre seus “usos” e costumes”. Os estereótipos, mitos e tabus sobre o coito anal podem limitar as variações de práticas sexuais para muitas pessoas, já que podem incorporar como aceitas e verdadeiras tais significados, conforme explicita Furlani (2007). Sentimentos como culpa, medo e vergonha se desenvolvem partir de referências negativas internalizadas.

Para Sáez e Carrascosa (2011) uma das primeiras coisas que um menino ou menina aprende é que “dar o cu” é algo terrível. É sujeitar-se a um insulto. Percebe-se rapidamente o valor negativo dado ao sexo anal, colocando-o numa categoria inferior a demais práticas sexuais. Assim, o coito anal se consolida cada vez no imaginário coletivo como pior, perigoso, produzindo negatividade e desconsiderando as possibilidades de prazer.

Para Foucault (2001) os inúmeros dispositivos usados na construção da normalidade/anormalidade atingiram as diversas nuances dos desejos e das sexualidades. A psiquiatrização do prazer perverso produziu “uma verdade” sobre a relação prática sexual-sujeito quase de forma indissociável, atrelando o que faz sexualmente ao caráter do indivíduo.

A inquisição no Brasil, de acordo com Parker (1991, p. 114) perseguiu não somente os cristãos-novos e feiticeiros, mas os considerados criminosos pelas práticas de sodomia, por exemplo. A questão do desvio sexual era constantemente abordada em relação às mulheres e aos homens. Os inquisidores utilizavam de uma linguagem padronizada para referir-se ao crime do coito anal: “sodomia”, “tocado desonesto”, “pecado nefando”, “tocado torpe”, “trabalho nefando”, “dormir carnalmente por detrás”⁵.

⁴ É engraçado que o anel seja usado como símbolo do casal. Na realidade, ânus significa anel, então, sem saber, os casais consagram seu amor com o gesto de colocar um dedo na bunda, um anel no dedo anelar (ou anal). Ou o gesto de colocar um ânus no seu dedo. Já sabemos que o casamento e até o amor são rituais de posse. Então, esse primeiro gesto nos lembra a ligação entre o ânus e o poder. [Tradução livre]

⁵ Expressões usadas nos manuais da inquisição no Brasil para referir-se ao sexo anal.

A relação entre corpo, higiene e práticas sexuais no Brasil contemporâneo explicitada por Parker (1991, p.181) demonstrou que há um paradoxo latente entre sujeira e prazer. “Como a excreção dos dejetos, o sexo começa a ser compreendido simultaneamente liberador, prazeroso e sujo, e essas conexões são mais evidentes em relação à bunda”.

Parker (1991) traz ainda que o sexo anal tem efeito transgressor, sobretudo na adolescência. A “bunda” (assim como a boca) ganha um sentido alternativo à vagina. O ânus pela sua característica de autocontrole da defecação torna-se mais que um simples orifício ele torna-se um órgão sexual passível das mais diferentes técnicas do corpo voltadas ao erotismo.

Assim, no que tange a relação entre a sujeira e o prazer, o sexo anal reúne um conjunto de significados de subversão, e como outras práticas relegadas ao campo da marginalidade – orgias, fetiches, variações com animais e objetos, etc. – reúnem no erotismo uma lógica da “boa e bela” sacanagem.

Priore (2011, p. 43) afirma que no Brasil, na época do Império o sexo era consentido apenas para a procriação. Tinha como prescrição usar o “vaso natural” e não o “traseiro”, assim como colocar-se por cima do homem ou de costas. Isso também demonstra as relações de gênero estabelecidas na intimidade sexual. Às mulheres o sexo como obrigação cerceava ao mínimo as situações de prazer.

O discurso da Igreja procurava ao máximo controlar o prazer conjugal e as práticas sexuais. Sobre o coito anal, por exemplo, mereciam um arcabouço de convencimentos que levassem à total repressão. A medicina, por sua vez, traçava comportamentos para que o “coito disciplinado” fosse a melhor forma de assepsia física e moral, demonstrando que a ciência médica assegurava uma “higiene sexual” (PRIORE, 2011).

Por volta de 1907, o Jornal *O Rio Nu* do Rio de Janeiro, dedicava-se a leitura sugestiva em imagens e textos sobre o erotismo. Conhecido como um “gênero alegre” sua linguagem era menos expressiva sexualmente que as escancaradas publicações de conteúdos pornográficos. Justamente pela sua natureza repleta de “duplo sentido” sua circulação foi maior no interior das cidades (SCHETTINI, 2011).

A representação da figura feminina e “seus nus” apontavam para uma referência erótica e humorística que também mostravam significados das mais diversas práticas sexuais. As mulheres com suas formas arredondadas tinham seus glúteos explorados visualmente numa clara alusão ao sexo anal (SCHETTINI, 2011).

De acordo com Schettini (2011) o sexo anal era referido neste jornal e em outros como um “sistema moderno” ou “modernismos”. A noção de “moderno” envolve nesta época tanto a concepção civilizadora e de progresso, quanto à ideia que o “mundo está de ponta cabeça”.

Numa das imagens de *O Rio Nu* uma figura feminina aparece de costas levantando a saia para um transeunte com a chamada da matéria “*Recursos Modernos*” uma referência que naquele prostíbulo em questão havia a prática de sexo anal. Schettini (2011) afirma que há uma transgressão da ordem no termo, já que a intervenção acirrada da polícia proibia a exposição das prostitutas para os transeuntes em busca de clientela.

Essa valorização da região dos glúteos da mulher em diversas publicações expressa também uma crítica social aos papéis sexuais e o sexo para procriação. A associação entre “sexo anal” e “modernidade” começa a alterar o conteúdo do que se falava sobre sexo. Schettini (2011) demonstra que na seção em que leitores anônimos contribuíam, o sexo anal era amplamente registrado por perguntas, críticas (geralmente associados a esta como condição degradante), comentários e histórias reais e/ou fictícias.

Há relatos também que as prostitutas praticavam sexo anal como último recurso financeiro, sugerindo perda de *status* e “fim de carreira”. Schettini (2011) cita o caso da prostituta Marieta Meleca que depois de ser dona de uma casa de prazeres foi à decadência e atirou-se em jogos e “modernismos”. No entanto, também houve contrastes em relação a esse valor negativo dado ao sexo anal. A prostituta Lili Galinha Fria o tinha como uma especialidade, em uma linguagem sexual mais explícita e positiva.

A descrição dos glúteos femininos era constantemente exaltada, principalmente destacando seu tamanho. Schettini (2011, p.346) cita em das histórias que circulavam na época a descrição de Dom Felício (personagem) a uma mulher: “ [...] Quanto à bunda, só lhes posso dizer que era um cuzão de três assobios”.

Nesses contos, jornais e outras publicações de cunho erótico e malicioso, a figura feminina apresentada de costas também atendia uma clara divisão de classe, gênero e raça. As mulheres eram “apresentadas” e seus contornos elucidavam subjetivamente uma imagem racializada, destacando glúteos fartos às mulatas e mestiças e a vestimenta uma segmentação das mulheres da elite, da prole e das

prostitutas, marcando claramente relações de gênero desiguais, sobretudo na objetização do corpo e do prazer sexual da mulher.

No século XV, numa tendência ocidental, a penetração anal foi regulamentada como um vício e perseguida pelas autoridades médicas, religiosas e jurídicas (MARZANO, 2008). Amplamente explorada pelas artes, a prática do sexo anal estava presente na literatura erótica que circulava nas cidades, nos panfletos e cantigas que ora explorava seu caráter erótico e escatológico, ora apontava como recurso de humor e sátira. Na literatura, Marquês de Sade horrorizou a sociedade com “120 dias de Sodoma”. Retratada como filme por Pier Paolo Pasolini ou em outras obras cinematográficas como “Último Tango em Paris”.

Há outras práticas que envolvem o ânus, como por exemplo, anilingus (uso da língua para acariciar o ânus). Na linguagem popular o anilingus também é conhecido como “beijo-grego”, “cunete”, “laminha”, “tulipa roxa”, “cuzete”. Para o coito anal, a linguagem popular utiliza “enrabar”, “dar o cu”, “sodomia”, “cagar pra dentro”, “engatar”, “agasalhar o croquete”, entre muitos outros (MARZANO, 2008).

Para os que praticam o sexo anal, dicas e formas de se aumentar o prazer, perder a virgindade, efetuar a limpeza e “facilitar” a penetração são correntes. Mauss (2003, p. 419) considera que “nada mais técnico do que as posições sexuais”. A vida sexual mesmo estando hoje no campo da intimidade traz consigo técnicas apreendidas tanto por meio da educação como pelo convívio.

Para Mauss (2003) há uma base sociológica determinante na forma como vivemos a sexualidade. Uma sequência de atos e possibilidades de toques, beijos na boca, no rosto, de língua, “selinho”, o momento certo para a penetração, etc. Mesmo que nem todas as pessoas realizem certas práticas sexuais, há um “saber-fazer” escamoteado e certas tradições envolvendo cada uma delas.

Desta forma, certas práticas sexuais carregam simbolismos e são também usados para marcar uma forma de pensamento de se mostrar para o mundo. Algumas pessoas desenvolvem verdadeiras habilidades a algumas práticas, como as prostitutas especializadas em certos fetiches, tipos de clientelas e práticas sexuais.

As relações de gênero perpassam por toda a construção social da prática anal de forma diferenciada. A sociedade é permissiva quando se trata de penetrar analmente as mulheres, mas cerceia os homens na possibilidade socialmente aceita de serem penetrados sem perder seu “lugar de macho”.

Para Sáez e Carrascosa (2011, p. 20) isso é demonstrativo do desequilíbrio que existe na percepção social da sexualidade anal. “La mujer es construída socialmente como um ser penetrable, por esa lecture del régimen heterocentrado donde la mujer debe procriar, satisfacer al hombre, ser passiva, humilde, dócil, buena madre: reducir su sexualidad a su coño.”

Referencial teórico

Optamos pela Teoria das Representações Sociais por entendê-la como um método de análise que alia, sobretudo, os significados do objeto de estudo à construção histórica do pensamento sobre ele.

A palavra “representação - *representations*” conhecida na língua francesa é anterior ao século XIII e passou por diversas conotações, tornando-se um termo polissêmico que pode ser a produção mental de uma imagem, imitação gráfica ou até mesmo da representação teatral. Em qualquer significado, a palavra representação, em seu dinamismo, refere-se a uma capacidade de comunicabilidade direcionada por ou para outros, definindo-se como dialogicidade e como fenômeno mental (MARKOVÁ, 2006).

As representações sociais são como pensamento em movimento, que conceituam e comunicam e, por isso, são fenômenos dinâmicos e abertos e em constante transformação (MARKOVÁ, 2006). As Representações Sociais são marcadas pelo subjetivo, pelo dinâmico e pela diversidade (ARRUDA, 2002).

Na contramão do pensamento Iluminista, Moscovici colocou o senso comum num patamar semelhante ao do pensamento científico. Os saberes populares, o conhecimento do cotidiano e seus sujeitos não representam a irracionalidade, e sim saberes reorganizados pela sua vida cotidiana, rompendo com as dualidades razão/emoção, senso comum/ciência, sujeito/objeto (ARRUDA, 2002).

Segundo Marková (2006) o ser humano como ser que nasce fenômeno simbólico e cultural quase nada tem de experiência individual que não tenha sido antes uma experiência do coletivo. O fenômeno cultural (cerimônias, códigos e leis, práticas sociais e linguagem, outras formas de comunicação) é aprendido no cotidiano, sem muito esforço, apenas pela convivência, e forma o panorama da realidade, impressos enquanto senso comum.

Para Marková (2006) é assim que se reproduzem falas e comportamentos, sem utilizar da reflexão para a execução de ações; o senso comum está tão intrínseco que não se pondera um questionamento sobre a certeza de tal ato ou pensamento, pois é socialmente gerado e estabelecido.

O senso comum não é um tipo de conhecimento inferior. É um conhecimento dotado de sentido que orienta a vida, define critérios de beleza, de saúde, de segurança, estrutura o cotidiano, está repleto de experiências, de práticas e, sobretudo, onde vaga também o conhecimento científico. Como fruto de uma relação dialógica em que há a busca pela verdade, o senso comum é uma fonte de ideias e de imaginários tolhidos nas relações sociais (MARKOVÁ, 2006). Embora o senso comum e o conhecimento científico sejam diferentes, eles são complementares entre si, embora um não possa substituir o outro e se utilizem de métodos diferentes de pensamento.

As Representações Sociais como método qualitativo de pesquisa são utilizadas pela capacidade de compreensão das crenças, conhecimentos e dos saberes populares de determinados grupos. Neste caso, há uma busca pela explicitação “do que sejam” ou “quais sejam” tais questões e “quais sujeitos” a utilizam na vida cotidiana, e mais profundamente “por que são” e “por que” continuam se perpetuando.

Ao adotar as Representações Sociais como referencial teórico, entende-se que o objeto de estudo está estruturado em conteúdos mentais simbólicos, afetivos, cognitivos e sociais que foram se construindo ao longo do percurso de vidas destes sujeitos, transformados internamente e “devolvidos” para a sociedade em diferentes linguagens. Portanto, cabe dizer que as Representações Sociais são de natureza psicossociológicas, pelo seu caráter socialmente construído e pela capacidade de cada indivíduo de apropriar-se de novos saberes.

O estudo das Representações Sociais é a percepção de como um saber especializado colocado em discurso na esfera pública ganha contornos particulares segundo o grupo que fala (ARRUDA, 2009). Esta passagem, de um saber reificado ao mundo dos leigos é um fenômeno psicossocial, em que há a mobilização de elementos psicológicos impregnados de conteúdos sociais. Este entrelaçamento em torno de um saber tem, portanto, uma magnitude individual e social, sem necessariamente hierarquizá-los.

Ainda é importante destacar que as Representações Sociais têm uma importância para nosso tempo, pois as modificações constantes das sociedades (economia, religião, legislações) e as novas descobertas das ciências tornam as ideias cada vez mais mutáveis. Moscovici (2009) afirma que existe uma necessidade contínua de re-construir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar.

O uso das Representações Sociais tem como interesse desvendar o pensamento dos indivíduos em toda sua diversidade. Neste sentido, Moscovici (2009) declara que as Representações Sociais, por outro lado, toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade.

Assim, conhecer quais são as representações que o sexo anal têm neste grupo específico de mulheres, nos direciona a identificar a sobrevivência ou não de discursos atribuídos a ela, significados reconfigurados ou novos simbolismos.

Destaca-se como objetivo geral desse artigo apresentar quais as representações sociais de mulheres sobre a prática do sexo anal, as identificações com juízos de valor atribuídos à prática do sexo anal e as subjetividades relativas às questões de gênero sobre o tema.

No presente estudo optamos pela abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2007a) as metodologias de pesquisa qualitativas são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo esta última tomada tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Nesse sentido, as práticas sexuais se constroem ao longo da vida, da história pessoal de cada indivíduo, entremeada pelas relações interpessoais estabelecidas entre indivíduo e o ambiente no qual vive, em contato com ideologias e visões diferenciadas do mundo. Neste sentido, Foucault (1987) refere que a sexualidade se constrói não apenas no plano biológico, também no discurso que sustenta o palpável, na ideologia subjacente aos padrões de normalidades impostas pela convivência social.

Desta forma fomos motivados a procurar compreender como se dá a elaboração ideativa da prática do sexo anal, conhecimento importante ao nosso trabalho, e para

tanto, opta-se por utilizar uma abordagem da metodologia qualitativa, sobretudo pela lógica relacional, pois parte do pressuposto que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos da pesquisa, entre os sujeitos e o objeto estudado, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos, atendendo as convicções teóricas e conceituais enquanto pesquisada. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, supondo o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, habitualmente através do trabalho intensivo de campo (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

Nesse sentido, o estudo vai ter como verbo principal o *compreender*, como destaca Minayo (2007b, p. 17), ao descrever esse tipo de pesquisa.

Compreender relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações, e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade. O pesquisador que trabalha com estratégias qualitativas atua com a matéria-prima das vivências, das experiências, da cotidianidade e também analisa as estruturas e as instituições, mas entendem-nas como ação humana objetivada.

No contexto da pesquisa qualitativa, para dar conta do estudo de nosso objeto elegemos os pressupostos das Representações Sociais, que possibilita procedimentos de pesquisa para detecção de dados e contribuição para mudanças a partir de elaboração reflexivo-vivencial dos próprios sujeitos da pesquisa. Para tanto, Wagner (1995) propõe a conceituação da Representação Social com referencia às múltiplas faces dessa metodologia, atribuindo-a não só o caráter social que envolve comunicação e conteúdo discursivo, mas também sua operacionalização na individualidade de estruturas de conhecimento, símbolos e afetos.

A marcação social dos conteúdos ou dos processos de representação refere-se às condições e aos contextos nos quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam as funções que elas servem na interação com o mundo e com os outros.

Aspectos éticos do estudo

Esta pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e registrado na Plataforma Brasil, para o cumprimento de todos os procedimentos metodológicos segundo os padrões estabelecidos pela Resolução 466/ 12, que trata das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

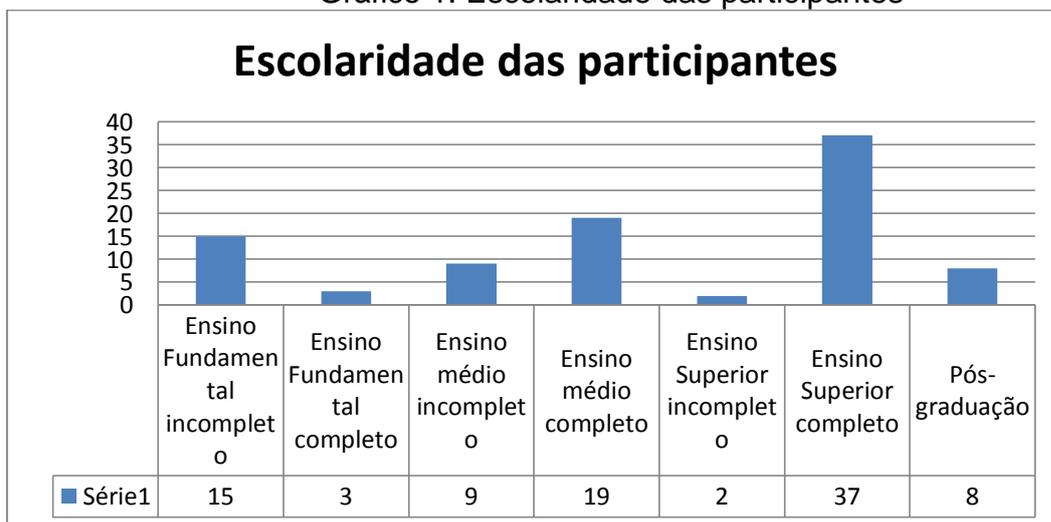
(BRASIL, 2013). O grupo de participantes deste estudo foi formado por 97 mulheres adultas que atenderam ao convite de participar do estudo por livre e espontânea vontade, maiores de 18 anos, moradoras de um município de Guarulhos, São Paulo.

Procedimentos do estudo

As participantes receberam dois envelopes não nominais para garantir o anonimato contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o instrumento de pesquisa. A coleta de dados foi realizada com um instrumento não estruturado divididos em três partes: 1. indicadores sócio-demográficos (idade, escolaridade, estado civil e religião) para a construção do perfil das participantes; 2. Uma questão referente ao objetivo do estudo com opção de escolha; 3. Uma questão não estruturada justificando a opção assinalada na questão anterior.

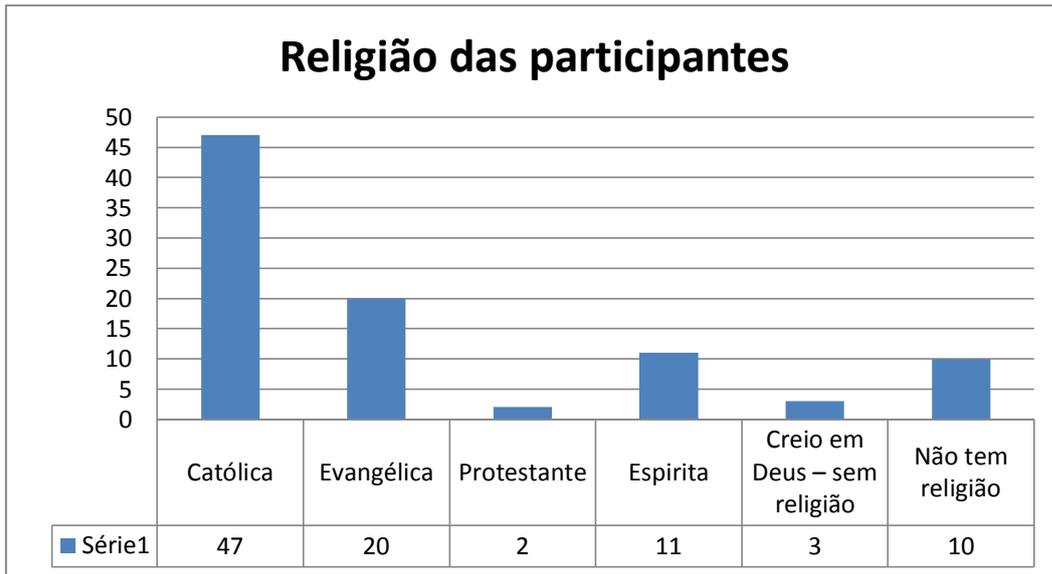
Perfil das participantes

Gráfico 1. Escolaridade das participantes



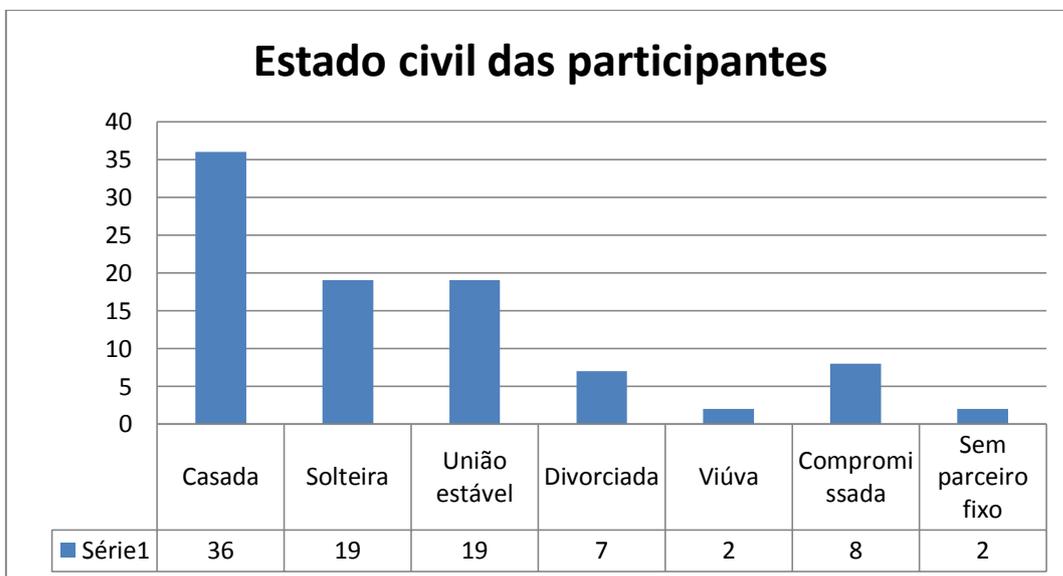
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 2. Religião das participantes



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 3. Estado civil das participantes



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 4. Praticante ou não do sexo anal



Fonte: Dados da pesquisa

Análise do discurso

Representações de praticantes do sexo anal

A análise organizada a partir de três quadros com as narrativas completas das participantes apresenta as representações centrais acerca da prática do sexo anal. As justificativas das respostas por *praticar*, *não praticar* e *não praticar, mas ter fantasia* são as evidências daquilo que mobilizam as pessoas em seus comportamentos e fundamentais. Esse é o cerne das representações sociais.

Quadro 1 - Justificativa da escolha da alternativa 'Pratico sexo anal'.

Pratico
<ul style="list-style-type: none"> - Sexo faz parte do nosso amor, se não fazemos duas ou três vezes por semana o corpo sente. Adoro fazer amor com o meu homem amado, pois sexo faz parte da vida (S3). - Não me lembro de exatamente o período que iniciei, mas foi devido à insistência do meu marido (na época namorado), pois não é algo, ainda hoje, que eu sinta aquele tesão em praticar. Tanto que é possível contar nos dedos da mão às vezes que fizemos e ainda mais as vezes que tentamos e paramos por conta da dor (por que dói mesmo lubrificado). Recentemente estou mais permissiva e estimular o clitóris o negócio fica mais gostoso, com isso ganhei um acessório justamente para estimular este prazer, não é que deu certo! (S4). - Sempre teve fantasia e sentia prazer com carícias na região anal, porém algumas tentativas foram frustradas, acredito que o tamanho do pênis tenha interferido por que posteriormente conseguimos completar a penetração e a realizar com certa frequência (S6). - Ao realizar a prática sexual anal tenho muito prazer, com o meu parceiro que também tem prazer. Mas antes eu faço higiene para que o meu parceiro também se sente confortável e possa gozar muito (S7). - Embora seja algo que não costumo praticar com muita frequência, por questão de desconforto acredito que sexo anal é apenas mais uma de tantas formas de

relacionar-me com meu parceiro. O gel íntimo ajuda bastante nessas horas (S9).

- Pratico de forma pontual, mas não é frequente, pois precisa de muita colaboração. Depende do momento, do meu estado de espírito e da forma como acontece (S11).

- Pratico e gosto, porém não tenho prazer a ponto de querer por minha vontade, porém, percebo muito prazer no meu parceiro e gosto de satisfazer esse desejo (S12).

- Pratico sexo anal, por que procuro explorar no meu corpo todas as formas de prazer (S14).

- Eu pratico por que para mim é prazeroso, tem pessoas que não gosta, mas, depende muito do parceiro. Tem que ter muita colaboração, pois precisa de muita lubrificação e estimulação do clitóris, desta forma se torna prazeroso (S20).

- Não tenho nenhum tabu ou preconceito em relação ao sexo anal, sinto prazer em dar prazer ao meu companheiro e gosto de praticar. Acredito que é melhor fazer comigo do que procurar fora, então, realizo todas as fantasias dele e minha (S23).

- Pratico sexo anal, porém, não frequentemente. Acho doloroso, algumas vezes prazeroso dependendo do momento (S24).

- Acredito que quando temos uma relação saudável, em que há respeito e confiança, valha a pena satisfazer as fantasias do parceiro. Utilizando cremes, óleos para uma relação agradável (S25).

- As primeiras experiências foram por curiosidade e foram bastante proveitosas. Depois houve algumas que foram mais por insistência do parceiro e não foram tão boas assim. Em algumas até me senti mal depois, usada. Nos últimos tempos não tenho praticado e também não tenho vontade de praticar. Estou bastante satisfeita com o tradicional e imagino que nem parceiro também, pois sua insistência diminuiu bastante (principalmente após eu explicar como me senti após as ultimas experiências) (S33).

- A pratica do sexo anal na verdade, só é praticada pelo fato ao meu marido gostar e eu não. Faço para “segurar o marido”, dói e não sinto prazer, mas nós mulheres temos que nos submeter a certas coisas para que o marido não procure na rua (S34).

- O parceiro faz questão, e para aliviar a dor comprei um spray no sex shop e gostei (S35).

- É uma experiência que para muitos é criticada e considerada ruim, mesmo sem terem feito. Eu me sinto bem, gosto, às vezes é bom variar um pouco. Não ficar somente na rotina, onde ambos gostam e se sentem bem (S36).

- Pratico às vezes por que gosto (S38); (S53); (S79).

- Fiz por curiosidade (S39).

- Pratico por que eu gosto e faz parte da vida (S40).

- Pratico por que eu gosto, acho muito bom, se eu não fizer no dia do sexo, acho que não fiz nada (S55).

- Tentei fazer por curiosidade e saber a sensação que tinha (S56).

- Fiz por curiosidade. Para saber que sensação tem, é um prazer diferente. É uma sensação gostosa, de dor e prazer (S57).

- Pratico porque gosto, pois é bom demais (S59).

- De um tempo para cá venho praticando e buscando formas de sentir mais prazer nesta prática (S65).

- A principio, para conhecer o meu corpo e para satisfazer meu marido, depois de algum tempo por prazer, satisfação e desejo (S70).

- Nunca tive tabus em relação ao sexo anal e nunca tive receio de experimentar.

Gosto desta prática e para mim é muito prazerosa (S71).

- Fui casada e tinha muitas fantasias e curiosidade. Após tentar varias vezes e não gostar comecei a experimentar coisas e posições diferentes, hoje gosto, mas não sempre (S73).

- Foi por curiosidade, meu parceiro gosta de vez em quando para mudar o clima (S74).

- Tento praticar, mas sem sucesso. Pois sinto muita dor e com varias tentativas e posições também não favoráveis. Nunca cheguei ao finalmente com a introdução completa, pois no começo já me dói muito (S82).

- Estou com meu parceiro há muito tempo e, para satisfazer as vontades e fantasias dele, topei o sexo anal. Fiquei surpresa com o prazer proporcionado e, mesmo sem penetração constante, sempre peço estímulo com os dedos ou com a língua. O prazer é intenso, tanto para mim, quanto para o meu parceiro. Nossa relação melhorou bastante após essa descoberta juntos. Esse tema é delicado e não vejo a necessidade de ficar comentando e expondo minha intimidade, no entanto, sempre que o assunto surge, pois tento quebrar os paradigmas e incentivar as pessoas, Ainda há muito preconceito e falta de informação (S83).

- Na verdade eu pratico às vezes, não é sempre que estou no clima, não consigo sentir prazer sempre, Então tem que ser uma coisa bem prazerosa, sem forçar nada, tenho um pouco de medo de sentir dor, sempre parece que é a primeira vez (S85).

- Practico, essa foi a minha escolha, pois acho que na relação a dois tem que rolar de tudo, buscando o prazer de ambos; gosto, mas não tenho o hábito de praticar sempre. Vai do momento e do clímax que os dois se encontram (S86).

- Em um relacionamento onde a sensibilidade prevalece, onde a busca pelo prazer é constante, a entrega é verdadeira, todo o corpo pode ser explorado naturalmente (S90).

- Mais uma forma de prazer, não é a única. Demanda jogos, carícias no corpo como um todo (S91).

Mesmo destacando o prazer como principal motivação pela escolha da prática, algumas mulheres destacaram também a importância de dar prazer ao companheiro/parceiro/marido. Essa atitude, embora ligada a uma fonte de prazer indireta, faz parte da mobilização e da justificativa em realizar a prática. O prazer do outro é forte estimulante do prazer sexual do próprio sujeito quando há cumplicidade em uma relação, seja ela duradoura ou ocasional.

Como a dor e o desconforto são apontados mesmo na esfera do prazer foram perceptíveis também as técnicas de prazer. Há milênios que manuais com técnicas são utilizadas, tanto quanto a sabedoria das mais experientes na arte do sexo. Hoje sites, revistas femininas e lojas especializadas exploram ainda mais o mercado do sexo. No entanto, como destacada pelas participantes, a melhor técnica é aquela que tem maior aderência à escolha dos parceiros.

Representações de não praticantes do sexo anal

Não pratico

- Por que não faço, pois já tentei e dói (S1).
- Por que não gosto (S2); (S17); (S63); (S78), (S81).
- É uma opção minha e de meu marido, pois fizemos duas tentativas que foram extremamente doloridas para ambos. Desta forma avaliamos que a prática do sexo anal para nós não tinha sentido, pois só nos causava dor durante a tentativa e depois [...], pois eu ficava muito dolorida e ele também (S8).
- Por curiosidade minha e de meu marido, fizemos uma vez. Porém, não foi agradável, além de ser dolorido, logo em seguida tive diarreia. Conversamos e decidimos não fazer mais. Em nossa relação, que já dura 13 anos, percebo que o prazer e satisfação do meu esposo estão diretamente ligados ao prazer que me proporciona. E vice-versa. Ele sempre me pergunta se foi bom, se estou feliz e me diz o que o faz feliz é me ver feliz. A verdade é que nem toda a relação sexual é de extremo prazer, às vezes o cansaço ou outros fatores externos prejudicam. Eu percebo que isso acontece às vezes e é natural. Percebo também a compreensão e o respeito a essas situações, por que o que vale mesmo é o prazer e o amor que podemos proporcionar ao outro. Sendo assim, nossa decisão por não praticar foi conjunta, e como buscamos formas de prazer que nos agradam, essa não nos falta (S13).
- Existem partes do corpo apropriadas ao sexo (S15).
- Por que acho que dói (S16).
- Existem várias formas de sexo dentro dos padrões normais (S18).
- Não tive interesse em praticar ainda (S19).
- Atualmente não pratico. Para explorar outras possibilidades de proporcionar e ter prazer, no passado experimentei algumas vezes, porém, senti mais desconforto do que prazer. Então, resolvi explorar outras práticas (S21).
- Não tenho vontade de praticar e, além disso, tenho hemorróidas decorrentes da minha gravidez. Fantasia há por parte do meu marido, mas nunca tentamos essa prática mesmo antes do meu problema de saúde (22).
- Nunca tive curiosidade e nem vontade, pois sinto receio de sentir dor. Meu marido já teve curiosidade, mas não é nada acentuado. Tenho medo de tentar, ele gostar e depois eu não dar conta de satisfazer (26).
- Não pratico por que sinto dor e não prazer. Acredito que para algo ser bom e prazeroso. Precisa satisfazer a ambos (S28).
- Tentei uma vez, mas não consegui, senti dor e uma sensação estranha (como se o cocô estivesse entrando) (S29).
- Não senti desejo e imagino que doa muito. Ainda não fiz e talvez faça um dia (S32).
- Não pratico por que não aceito e preciso de justificativa. Passei em consulta com um médico e perguntei para ele sobre o assunto, ele foi muito claro na resposta - não pratique e se já praticou não pratique mais. Daí ele explicou o assunto. É importante também deixar claro que sou evangélica e é considerado pecado. A igreja segundo a bíblia nos orienta a não aceitar (S37).
- Por que não acho certo (41).
- Falta de interesse, em razão de outros interesses e outras fantasias que são bem mais sexy. Também sempre tive parceiros bem comportados, aliada a minha

expectativa sexual (42).

- Por que é doloroso (S43).

- Eu não acho legal ou certo (S44); (S49).

- Deus não deixou o sexo anal para ser praticado, isso significa pecar para morte (S45).

- Já tentei, doeu muito e desisti (S46).

- Não faço e nem tenho curiosidade, tenho outro objetivo na vida (S48).

- Já tive experiências com o meu marido, mas não gostei por causa da dor e incômodo causado no momento da relação. Já pensei, mesmo assim, em tentar novamente, mas me incomoda sentir dor, então não tentei mais. Penso que sexo é prazer e satisfação, e a dor é um incômodo que gera mal estar que atrapalha. Apesar disso, sexo também é descoberta e experimentação, então, com o tempo, o que hoje me satisfaz pode não mais satisfazer e aí buscaria novas experiências sexuais. Quanto ao meu marido, ele é o primeiro e único parceiro sexual, então talvez com outras pessoas pudesse ter sido diferente. Por ele, poderíamos praticar sexo anal, mas ele respeita minha opinião e opção de não fazê-lo. Estamos juntos há 7 anos, casados há 2 anos, mas não casei virgem (S51).

- Não pratico, pois dói muito e das duas vezes que consegui foi através de pomada anestésica (S58).

- Não pratico em meu relacionamento atual, no entanto, eu gosto muito, tenho orgasmo muito mais intenso, mas tive que dizer várias vezes que não queria, para que meu atual companheiro não se sentisse constrangido (S60).

- Não gosto por que sinto dores e não tenho vontades, já tentei, mas achei horrível (S61).

- Por que tenho medo, acho que não faz parte do sexo (S62).

- Não acho confortável, não me senti a vontade. Para mim não há prazer (S64).

- Muitas vezes a mulher é induzida a fazer pelo homem, pois parece que eles têm muito desejo nesta prática. O meu marido nunca cogitou e eu também não tenho a mínima vontade da pratica (S66).

- Nunca tive curiosidade nem me despertou interesse. Também nunca me pediram, nem manifestaram o desejo, talvez seja mais um motivo para nunca ter praticado (S67).

- Não sinto vontade de praticar sexo anal, pois não gosto de sentir dor e tenho medo de me machucar. Na minha relação sinto satisfação com o sexo vaginal, acredito que isso não tenha ou sinta necessidade da pratica do anal (S68).

- Não pratico, apesar de já ter tentado o mesmo não me trouxe satisfação, mas, para o parceiro é um desejo que sempre volta (S69).

- Já tentei e doeu muito (S72).

- Não pratico, por que nunca tentei (S75); (S76); (S80); (S87); (S89).

- Não pratico, por que nunca tive vontade e a minha religião não permite. Também acho uma coisa muito constrangedora para mulher. Na vida sexual existe coisa melhor para um casal se satisfazer sexualmente. Na minha religião se diz que o sexo anal não foi criado por Deus, por isso não é permitido, assim como filmes, etc. (S77).

- Nunca tive vontade de praticar sexo anal. Não sei se foi por causa da minha criação muito tradicional, onde tudo era errado ou pecado. Mas sinceramente, não sei se um dia vá mudar de escolha ou não (S84).

- Não pratico por que a ideia me remete à dor ou a atos de violência contra a mulher (S88).

- Não existe desejo, nem por minha parte, nem por parte do meu marido.

Praticamos algumas vezes, mas há muito tempo não fazemos mais (S93).

Não gostar foi resposta genérica, na maioria das vezes justificada pela dor. No entanto, nesse segmento não foram buscadas pelos sujeitos as técnicas de prazer. Nesse grupo a representação de não praticar esteve muito associada à ideia de pecado e 'não achar certo' liga-se à moral da pessoa. Em recorte dessa pesquisa destacamos como as mulheres evangélicas vincularam diretamente a prática do sexo anal ao tabu e ao pecado (MORAES E BRÊTAS, 2018). Nesses casos a religião é um ponto de fundamentação tão forte que associou-se a prática à morte, respeito pela doutrina, culpa, vergonha e medo de consequências de natureza espiritual. Para justificar esses elementos volta-se ao discurso dos órgãos sexuais pênis-vulva. A estranheza pode também estar vinculada às questões da moralidade, já que o estranho é algo que não pertence ao universo lógico desses sujeitos e, portanto, poucos pontos puderam ser aliados a ele ou foram organizados em conjunto de práticas inaceitáveis.

Representações sobre fantasiar, mas não praticar

Não pratico, mas tenho fantasia.

- Tenho fantasia, curiosidade com a minha esposa, de como seria, eu insisto, mas ela não gostaria de praticar (S5).
- Não pratico, mas tenho curiosidade, pois ouço relatos de que a região anal, anus é prazerosa (S10).
- Tentei por diversas vezes, pois sinto desejo e no início da penetração percebo o prazer, mas sinto um pouco de incomodo e dor. Já conversei com o meu parceiro e hoje tenho relação vaginal, mas gosto quando introduz também dedo no ânus (S27).
- Sempre que tenho vontade tento, mas sinto dores e colocamos só a “cabecinha”, é uma sensação muito boa, mas ainda sou iniciante (S30).
- Medo de me machucar (S31).
- Não pratico, pois tenho respeito pelo que aprendo na doutrina da igreja, mas sempre tive vontade de descobrir a sensação que é ter relação anal, mas nunca tive a concordância do meu esposo (S47).
- Ainda não fiz, mas tenho curiosidade, pois é uma coisa diferente na minha opinião, que sem dúvida deve ser legal de se fazer, mesmo que no início não seja tão bom como as pessoas falam. Vou tentar para ver o que dá! (S50).
- Tenho insegurança do meu parceiro (S52).
- Tenho vontade, mas não encontrei o parceiro que se encaixe com o meu estilo (S54).
- Acredito que as fantasias dão mais prazer ao ato sexual. A diversidade de prazer

e sensação de outras possibilidades é incrível. Mas tenho medo do real, da dor, da autoimagem (S92).

Nesse agrupamento há os conflitos dos dois grupos anteriores. A dualidade entre vontade e fé é tão explícita quanto o medo da dor e a vontade de ter prazer. No entanto, ao observar o gráfico 3 há um potencial empate entre a busca pela prática e os não praticantes, evidência que afirma que ao longo da vida das mulheres, a depender de seus contextos e novos saberes estão abertas à experimentação. Nesse segmento, as técnicas de prazer são passos em direção à prática e mostram-se mais consistentes que os argumentos que justificam a não prática ainda.

Considerações finais

As diferentes práticas sexuais sempre fizeram parte da história da humanidade e em cada época ou sociedade elas também são parte de seu conjunto de usos e costumes. Mesmo que na esfera do privado as práticas sexuais não procriativas sempre estiveram presentes, outra mentalidade se estrutura e dissemina pelo tecido social por meio de discursos médicos higienistas e religiosos.

O cerne das representações nos três grupos de mulheres figurou em torno da palavra prazer. Sabe-se, portanto, que na prática é possível a obtenção do prazer, mas se difere quando para um esse prazer é pecaminoso e imoral e para o outro é uma conquista do par.

Compreender como as mulheres pensam acerca da prática do sexo anal é importante para conhecer seus comportamentos sexuais para implementar políticas públicas de direitos sexuais e, sobretudo, da educação em sexualidade que considere a autonomia em relação ao seu corpo, o direito ao prazer e à segurança e a uma vida livre de preconceitos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n.117, p. 127-147, nov., 2002.

ARRUDA, Ângela. Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações

sociais. In: Almeida, AMO e JODELET, Denise. (Orgs.) *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas: representações sociais*. Brasília (DF): Theasurus, 2009.

ARRUDA, Ângela. Teoria das Representações Sociais e Ciências Sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 24,n.3, p.739-766, set./dez.2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução 466/12*. Brasília, Diário Oficial da União, n.12, Seção 1 – pg. 59; 2013.

BRÊTAS, José Roberto da Silva (Org.) *Sexualidades*. São Paulo: Editora All Print; 2011.

CANTALICE, Tiago. O melhor do Brasil é o brasileiro! Corpo, identidade, desejo e poder. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)*, Rio de Janeiro , n. 7, p. 69-102, abril, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872011000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:26 Nov. 2019.

COLLING, Leandro. *O ânus é um órgão sexual?* Disponível em <<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2012/11/07/o-anus-e-um-orgao-sexual/>> Acesso: 11 nov. 2014.

FOUCAULT, Michel. Opción sexual y actos sexuales: uma entrevista com Michel Foucault. In: STEINER, G; BOYERS R. (Orgs.) *Homossexualidad: literatura y política*. Madrid: Alianza; 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

FREUD, Sigmund (1905) *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago; 1989. V.7.

FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana – subsídios ao trabalho em educação sexual*. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

JODELET, Denise. *Lês Représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France; 1989.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MARKOVÁ, Ivana. Representações Sociais: velhas e novas. In: _____. *Dialogicidade e Representações Sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARZANO, Celso. *O prazer secreto: sexo anal*. Coleção Sexpert. 7ª. Ed. Curitiba: Editora Eden, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10ª ed., São Paulo: HUCITEC, 2007a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b.

MORAES, Silvia Piedade de.; BRÊTAS, José Roberto da Silva. *Religião e as representações sociais de mulheres sobre sexo anal*. In: I Congresso Internacional Multidisciplinar em Sexualidades, 2018, Campinas - SP. Psicologia e Medicina. São Paulo: IPS Publicações, 2018. v. III. p. 77-78.

MOSCOVICI, Serge. Notes Towards a description o social representations. *European Journal of Social Psychology*. 18(1): 211-250, 1988.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NIETO, JA. *Antropologia de la sexualidad y diversidad cultural*. Madrid: Talasa Ediciones; 2003.

OLIVEIRA, FO; WERBA, GC. Representações Sociais. In: STREY, MN; JACQUES, MGC; BERNARDES, NMG; GUARESCHI PA; CARLOS, SA; FONSECA, TMG. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões Queer: Notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, 19 (1), p. 11-20, 2011.

_____. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N1Edições, 2014.

PRIORE, Mary Del. *Histórias Íntimas- sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Por el culo: políticas anales*. 2ª. ed. Madrid: Egales editorial, 2011.

SCHETTINI, Cristiana. O que não se vê: corpos femininos nas páginas de um jornal malicioso. PRIORE, Mary Del. AMANTINI, Marcia (Orgs.). *História do Corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011 .

SPINK, Mary Jane P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedro; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1995